



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Prezados Irmãos Portugueses:

Li com prazer Cristão o número especial da 1.^a Assembleia da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, realizada em Lisboa, 15-18 de Julho de 1976.

O lema "Cristo Vem -- Prepara-te" pôs em relevo a distinta missão da Igreja Adventista -- a de preparar um povo, sob a égide do seu dirigente celestial, o Senhor Jesus Cristo, para habitar as mansões da Nova Jerusalém, e depois as pradarias do Novo Mundo.

Como os meus saudosos pais, Pastor Clarence E. Rentfro e D.^{ca} Maria Haskell Rentfro, os dois obreiros pioneiros da Obra Adventista em Portugal (1904-1917), dariam humildes graças a Deus pelas vidas regeneradas nas pessoas dos 4 538 membros inscritos na mesma hora do relatório à Assembleia da Associação já citada.

Ao digno Pastor A. Baião, presidente reeleito da Associação Portuguesa, e aos seus novos colaboradores, extendemos, minha esposa e eu, nossos cordiais abraços em saudações cristãs.

Aqui se despede, este seu apreciador, a uma distância dum oceano, e de mais um continente aparte, mas sempre unido em Cristo pela fé comum que nunca nos separa. A Obra em Portugal e a minha idade coincidem -- 72 anos passados!

Seu conservo Cristão,

Charles A. Rentfro
Rt. 1, Box 52 - R5
Mokelumne Hill, California 95245 (USA)



Charles A. Rentfro
Esther M. Rentfro

“estai vós apercebidos”

SUPOSTAS MENSAGENS DE UM TEÓLOGO LUTERANO FALECIDO

MINNEAPOLIS — Uma publicação luterana põe em causa a credibilidade de um novo livro que cita pretensiosamente comunicações recebidas de um teólogo luterano falecido, o Dr. A. D. Mattson, «do mundo do além».

O Dr. Mattson, que ensinou durante 36 anos no antigo Seminário Teológico de Augustana (hoje integrado na Escola Teológica Luterana, em Chicago), faleceu em 1970, em Bemidji, Minnesota.

Segundo o livro «Testemunho do Além», transcrito e editado pela filha do Dr. Mattson, Ruth Mattson Taylor, receberam-se, de 1971 a 1973, através duma vidente inglesa, Margaret Flavell Tweddell, 55 comunicações «no volume de mais de 500 folhas do formato normalizado de texto transcrito dactilografado».

O livro cita descrições do que é a vida no reino espiritual e relata contactos estabelecidos ali com outros dirigentes religiosos como o bispo episcopal James A. Pike, o jesuíta Pierre Teilhard de Chardin, Carlos Wesley, João Knox e Martinho Lutero.

Um editorial do jornal **Lutheran Ambassador** diz que a notícia dada naquele livro sobre a comunicação com o Dr. Mattson «parece muito forçada». Acrescenta: «As supostas impressões do Dr. Mattson acerca do bispo Pike (cujas crenças religiosas eram certamente suspeitas), de Carlos Wesley e de Martinho Lutero, por outro lado, não soam a realidade, mas parecem ser produto duma fértil e alucinante imaginação». (*)

MAIORES ESFORÇOS DE RECONCILIAÇÃO NO ANO DO BICENTENÁRIO

CAMDEN — O bispo católico romano George H. Guilfoyle, de Camden, E. U. A., exortou todas as pessoas religiosas nos Estados Unidos a fazer «maiores esforços» pela reconciliação, durante o ano do Bicentenário.

É justo que, no ano do Bicentenário, os americanos ofereçam ao Deus Todo-Poderoso um preito de louvor especial pela bênção da liberdade religiosa, disse o bispo Guilfoyle, na sua coluna do órgão diocesano **Catholic Star Herald**, de 23 de Janeiro.

«Nos dez anos que passaram desde o Segundo Concílio Vaticano, a Igreja Católica Romana tem estabelecido um grande número de vias de diálogo e cooperação na actividade ecuménica», disse ele. «A unidade da Igreja

é claramente um dos principais objectivos da nossa Igreja e devia estar no coração de todos nós.»

O bispo de Camden disse ainda: «A actividade ecuménica, naturalmente, deve estar de harmonia com a fé que a Igreja sempre professou, e, ao mesmo tempo, tender para aquela plenitude que Nosso Senhor deseja ver concedida ao Seu corpo, com o decurso do tempo». (*)

UM MILHÃO DE BÍBLIAS PARA A RÚSSIA

SPRINGFIELD — A Igreja Ortodoxa Russa e a organização baptista «reconhecida oficialmente» na U.R.S.S. planeiam uma nova impressão da Bíblia russa para comemorar o centenário da primeira publicação naquela língua.

Imprimir-se-á uma edição de 1 000 000 de exemplares nas tipografias do Estado Soviético, num projecto conjunto da Igreja Ortodoxa Russa com o Concílio de Todas as Uniões Cristãs Baptistas naquele país. (*)

MOVIMENTO CARISMÁTICO: CHAVE PARA A UNIDADE CRISTÃ?

LONDRES — O movimento carismático pode muito bem ser uma das chaves para a unidade cristã, segundo a opinião do Cardeal Les Suenens de Malines-Bruxelas, uma autoridade em matéria de reavivamento carismático.

O Cardeal falou num programa de rádio da British Broadcasting Corporation, durante uma visita que fez a Londres. Elogiou igualmente o movimento carismático num sermão na Catedral de S. Paulo e falou a membros daquele movimento no centro de conferências da Catedral de Westminster.

Na rádio, o Cardeal disse, acerca do movimento: «Penso que é uma porta muito importante. Penso que o Espírito Santo está actuando dum modo muito notável».

Numa conferência de imprensa, o Cardeal Suenens explicou que entrou para o movimento «como toda a gente» — com a curiosidade de saber mais alguma coisa sobre o movimento, desejoso de não fazer juízos antecipados, mas de se manter aberto à obra do Espírito Santo.

O Movimento de Reavivamento Carismático conta em Londres com cerca de 5000 adeptos, homens e mulheres de todas as idades, organizados em 150 grupos, e continua a disseminar-se. (*)

(*) Notícias provenientes do **Religious News Service**, traduzidas de «Ministry».

SUMÁRIO

«Estai vós apercebidos»

Página Editorial — Qual é hoje o verdadeiro significado do Natal?

Estudo Bíblico — Os Dons do Espírito

Série Reformismo — Analisando a «Reforma» de 1914

Plano de Cinco Dias para deixar de Falar na Vida Alheia — Uma Lição no Meio da Natureza

Saúde Radiante 2 — O Poder Curativo da Natureza

Notícias do Campo

Breves Notícias do Mundo Adventista

revista adventista

ORGAO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

DEZEMBRO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 363

Director: ANTÓNIO SIMÕES LOPES BAIÃO

Administrador: JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
S A C A V É M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual:	60\$00
Número avulso	6\$00
Estrangeiro	130\$00

QUAL É HOJE O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO NATAL?

Lemos, no Evangelho de S. João 14:3, a consoladora promessa que sempre alentou a Igreja, insuflando-lhe, sem desfalecimentos, a coragem para defrontar toda a sorte de perseguições, até a mesma morte. A maravilhosa promessa de Jesus consubstanciou-se na «bem-aventurada esperança», conforme a inspirada designação paulina a Tito 2:11, constituindo, como sabemos, a próxima futura realização da segunda vinda do nosso divino Salvador.

É evidente que, para que Jesus pudesse voltar, devia, primeiramente, ter vindo e, depois de cumprir a Sua específica missão de nosso Salvador, regressar ao Pai.

E assim, de feito, aconteceu: fez-nos a promessa de voltar, de nos vir buscar, «levando-nos para que, onde Ele estiver, estejamos nós também».

Foi assim que a primitiva Igreja, a Igreja apostólica, a Igreja dos três primeiros séculos viveu intensamente a «bem-aventurada esperança», aguardando, ansiosamente, a Volta de Jesus.

Mas Jesus não podia ter voltado nem naqueles tempos, nem nos séculos que se seguiram; era necessário que a Igreja cumprisse a sua missão de pregar a todas as gentes, de todas as partes do Mundo, o Evangelho da salvação.

Com o lento decorrer dos tempos, a Igreja foi esquecendo a Volta de Jesus.

De resto, era isto mesmo que interessava a Satanás: que a Igreja se voltasse para o Mundo, para os negócios temporais, pondo de parte o pensamento, o desejo da Volta de Jesus.

Subtil e capciosamente, Satanás desviou as atenções da Igreja cristã para o Primeiro Advento de Jesus, isto é, para o Natal.

Pouco a pouco, a comemoração do Natal foi tomando grande vulto na liturgia eclesiástica,

lançando grande projecção traduzida em festividades muito alheias ao seu significado. Surge o Natal e todos os pensamentos se concentram no presépio, na árvore enfeitada com bolinhas de algodão, luzes cintilantes, brinquedos!...

Trocam-se presentes, cumprimentos, votos de felicidade...

Está tudo muito bem; mas o Natal não é isto. Também não é o fabrico de doçarias nem a preparação de refeições especiais!...

Não pretendemos dizer que tais práticas sejam reprováveis; de modo algum. Apenas dizemos que o Natal não é só isto. Falta o principal.

Podemos dar prendas aos nossos familiares e amigos. Muito bem; mas não devemos esquecer o que temos recebido das mãos de Deus; portanto, para Deus, para Jesus e para a Igreja devemos dispor, em primeiro lugar, das nossas prendas.

Satanás procura desviar as atenções da Igreja para o Primeiro Advento de Jesus, o Natal, querendo que a mesma Igreja esqueça totalmente a Segunda Vinda de Jesus.

Prezados Irmãs e Irmãos! Esforcemo-nos por praticar e ensinar o mais que pudermos, que o Primeiro Advento, o Natal de Jesus, foi, sim, indispensável, mas que hoje nada significa, senão a condição, já realizada, para que Jesus possa voltar.

Vejamos, pois, no Natal, a realidade do cumprimento da promessa de Jesus, de que vai voltar em breve. Que o nosso Natal seja vivido neste pensamento da iminência da Volta de Jesus.

Que em breve possamos comemorar o Natal, na companhia de Jesus e dos salvos — são os meus votos para todos nós, Irmãos e Irmãs, neste Natal de 1976.

A. BAIÃO

OS DONS DO ESPÍRITO

B. E. SETON

Secretário Associado da Conferência Geral

Os Adventistas do Sétimo Dia são trinitários convictos. Crêem na Trindade Eterna — o triuno Deus — Pai, Filho e Espírito Santo. Estas três Pessoas são co-iguais, partilhando, como um único Deus, a responsabilidade eterna para o Universo inteiro. Pai e Filho, graças à analogias humanas, parecem-nos ser mais facilmente compreendidos. O Espírito Santo, pela própria natureza da Sua Pessoa, aparece mais difícil de se compreender, mais remoto, menos tangível e conhecível do que os Seus dois Associados. Contudo, dum ponto de vista humano, podemos afirmar que Ele está mais perto do que os Outros. Ele pode habitar dentro de nós; Ele pode ser parte do nosso próprio ser; Ele é o grande Agente em cada salvação cristã.

Ele veio sobre Maria para a encarnação do nosso Salvador (Lucas 1:35; Mat. 1:18, 20). Ele imbuíu Jesus de Nazaré com poder para exercer o Seu abençoado ministério (Actos 10:38). Ele cooperou com o nosso Senhor na oferta do Seu imaculado. Ser como nosso Redentor (Heb. 9:14). Quando o Mestre voltou para o Céu, o destino da Igreja infante foi entregue aos cuidados do Espírito Santo (Lucas 24:49; Actos 1:4, 5, 8; 2:1-47; Efésios 4:8-13). É Ele que traz cada novo crente ao Reino de Deus (João 3:5; 14:16-18; 16:7-14; Gálatas 5:5; Efésios 1:12-13).

Esta riqueza da revelação pode ser resumida, nas nossas próprias palavras, ao afirmarmos: É impossível ser um cristão sem o contínuo e consistente ministério do Espírito Santo nas nossas vidas diárias.

Mais ainda, temos que reconhecer que, nos termos deste estudo, devemos aceitar o **dom** do Espírito nos nossos corações rendidos, antes de podermos produzir os **frutos** do Espírito nas nossas vidas renascidas e antes de podermos receber os **dons** do Espírito para o nosso serviço cristão.

Este tópico de estudo bíblico — «Os dons do Espírito» — é um assunto aprovado pelas Escrituras, pois Paulo diz: «Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes» (I Cor. 12:1). Admito que os irmãos da Conferência Geral partilham o mesmo interesse, uma vez que solicitaram este estudo e, por acaso ou de propósito, o colocaram em primeiro lugar na lista da série a tratar durante esta sessão. Assim, examinemos o assunto escriturísticamente, de maneira um tanto pormenorizada.

Variedade de dons

Há uma vasta variedade de dons (I Cor. 12:4). Quão alegres nos deveríamos sentir por esta variedade! Se todas as flores fossem rosas, a monotonia reinaria no jardim, e quão bem-vinda não seria uma margarida! Felizmente, há muitas espécies diferentes de flores, e também de dons espirituais. Todos podem aspirar a produzir todos os frutos do Espírito, mas ninguém, a menos que seja um verdadeiro Paulo, possui todos os dons do Espírito. «A um é dado ... sabedoria; a outro ... conhecimento ...; a outro fé ...» (I Cor. 12:8, 9); com o Espírito distribuindo os Seus diferentes dons a cristãos diferentes, como a Sua infalível sabedoria antevê ser o melhor para a Igreja (versículo 11).

Separemos agora os dons, a fim de os examinar, comparar, contrastar e apreciar. Há nove (versículos 8-10), mas a lista não é exaustiva, pois outros são mencionados algures e alguns contêm ainda outros, ocultos no meio das suas manifestações usuais.

1. **A palavra da sabedoria**, que sugere a posse da sabedoria que é de cima, com o dom de a expressar.

2. **A palavra do conhecimento**, especialmente do conhecimento vivificante (João 17:3), com o talento de o partilhar. Nem todos os que têm conhecimento possuem sabedoria, e vice-versa, mas a Igreja precisa de dirigentes que possuam ambos.

3. **Fé**, que é usualmente reconhecida como um dom pessoal, é aqui apresentada como funcionando na Igreja, possivelmente com propósitos administrativos e institucionais, bem como devocionais.

4. **Dons de curar**, apresentados no plural, sugerindo que há vários modos nos quais a arte de curar pode ser manifesta, tais como o da palavra que opera o milagre, do toque, do conselho, da aplicação de remédios naturais e do exercício das ciências médicas.

5. **Operação de milagres**, não limitados à saúde, mas extensos a todas as necessidades da vida. Este dom operou na Igreja primitiva e nós podemos muito bem esperar a sua continuação hoje em dia.

6. **Profecia**. Aqui, este é um dom entre vários e não lhe é atribuída ênfase especial. Estava manifestamente até certo ponto generalizado nos tempos apostólicos e não se restringia à predição do futuro, mas produzia mensagens que guiavam, admoestavam, inspiravam e sustinham a Igreja.

7. **Discernimento de espíritos**. Isto está intimamente ligado à profecia, sugerindo que a Igreja necessita ambos os dons, de modo a poder discernir entre o verdadeiro e o falso.

8. **Variedades de línguas**. Não é aqui dado nenhum sinal quanto à natureza das línguas, mas Paulo é mais explícito no capítulo 14 de I Coríntios.

9. **Interpretação de línguas**. A inclusão deste dom sugere que as línguas ou linguagens não eram conhecidas dos membros de Igreja e necessitavam ser interpretadas a fim de servirem um propósito útil.

Que riqueza de dons espirituais comunitários! Reconheçamos a nossa necessidade de possuir mais desses dons em grande medida. Ó Senhor, aumenta o nosso desejo de receber e a nossa capacidade para empregar a completa medida destes dons carismáticos!

Prioridades dos dons

Em I Coríntios 12:28-30, Paulo aborda de modo ligeiramente diferente o mesmo assunto dos dons espirituais. Reduz a lista para oito, em vez da anterior que continha nove, combinando línguas e interpretação de línguas, e introduz prioridades ao referir, especificamente, «primeiro apóstolos, segundo profetas, terceiro professores...» (Versículo 28). A referência a apóstolos não deveria ser limitada ao grupo original dos doze, mas deveria incluir os chefes espirituais e administradores, os verdadeiros sucessores dos discípulos de nosso Senhor, nos quais recai a principal responsabilidade de guiar a Igreja à glória.

Assim como houve mais do que um apóstolo para dirigir a multidão de cristãos primitivos, também o uso da forma plural «profetas» implica que deve-

ria haver mais do que um possuidor do dom profético. A Igreja Remanescente é peculiarmente abençoada ao ter uma concentrada e extremamente elevada manifestação deste **carisma** no ministério, repleto do Espírito, de Ellen White. Para além de qualquer controvérsia, a sua obra, profundamente enraizada nas Escrituras, de tal maneira moldou o carácter da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que a própria Igreja é um testemunho bastante convincente da eficácia do dom profético.

Ao identificar o terceiro dom como produzindo «professores», Paulo dificilmente poderia ter tido em mente académicos, mas estava sem dúvida pensando primariamente naqueles que ensinam aos crentes o caminho da vida em vez do ABC do conhecimento secular.

Há depois uma ordem gradativa de dons implícita nas palavras «depois disso milagres, e ...» (versículo 28). A referência tanto a «milagres» como «dons de curar» sugere uma distinção entre as duas categorias e justifica a nossa maneira de entender «milagres» como a intervenção do poder divino na vida quotidiana da Igreja e do crente, enquanto «curar» é atribuído directamente a questões de saúde.

Os comentadores têm certa dificuldade em distinguir entre os dois próximos dons, «socorros, governos», mas o primeiro pode ser visto como um dom social no qual o forte ajuda o fraco, como na nossa obra de beneficência, enquanto que o segundo, conforme o termo grego que se refere a «timoneiro, guia», pode aplicar-se àquele que dirige os negócios da Igreja local, possivelmente como um oficial local de Igreja.

Por último vem nesta lista «variedades de línguas». Sem fazermos uma pausa para analisar o tipo de «línguas», deveríamos observar que Paulo parte do princípio, (versículo 30) de que haveria interpretação dessas línguas, a fim de que os ouvintes pudessem ser edificados e não meramente mistificados por um dom que não trouxesse qualquer bênção real aos santos. Como é estranho o facto de que o dom colocado em último lugar na lista inspirada seja actualmente um dos que é mais ardentemente desejado por muitos grupos da Cristandade, enquanto que os que se encontram em primeiro, segundo e terceiro lugares são negligenciados!

Estes dons, note-se, não são monopolizados por uns poucos, mas são partilhados por muitos (versículos 29, 30). O convite feito à Igreja no seu todo é: «Desejai ardentemente os melhores dons» (versículo 31). Aceitemos este convite e busquemos as capacidades espirituais que o Senhor está esperando conceder-nos.

No centro do seu discurso, o apóstolo coloca o maior dom de todos — caridade, amor, **agapé**, o amor espiritual que é definido como sendo parte da própria natureza de Deus. A sua essência é inimitavelmente descrita no capítulo 13, onde a temos de deixar enquanto voltamos a resumir a mensagem contida no capítulo 14, o qual, em resumo, diz que o dom de profecia é, de longe, superior ao das línguas. A despeito da sua longa dissertação, o argu-

mento do escritor é muito sucinto: não nega a realidade do dom de línguas, mas dá-lhe um lugar inferior na sua lista, com fortes admoestações contra o seu uso incorrecto, o qual claramente ocorreu então como agora (versículos 5-9, 12, 29, 39).

Propósito dos dons

Devemos agora considerar a razão **por que** o Espírito concede tais dons espirituais à Igreja. A resposta encontra-se entesourada em Efésios 4, onde Paulo exorta à unidade (versículo 1-6), revela que todos os dons da graça são comunicados por meio do dom supremo de Cristo (versículo 7), lembra-nos que Cristo participou na concessão de dons (versículo 8), os quais, com algumas ligeiras modificações, são idênticos aos da lista de I Coríntios 12. O dom de evangelismo é dado em terceiro lugar, e o de pastores está intimamente ligado com o de professores (Efésios 4:11). De novo, os dons são apresentados no plural, enquanto uma distribuição geral permite a muitos receber pelo menos um dom, nenhum indivíduo deve receber todos.

A razão para a concessão dos dons é claramente apresentada no versículo 12, da qual uma tradução literal diz o seguinte: «para o equipamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo» (Versão Revista). Por outras palavras, os dons destinam-se a capacitar os membros da Igreja a contribuírem para o desenvolvimento da Igreja e, como o versículo 13 explica, realizar isto até que todos os crentes atinjam a unidade da fé, um conhecimento experimental e pessoal do Filho de Deus como o Seu Salvador e Rei, e uma estatura espiritual semelhante à do próprio Cristo. Daqui emerge a convicção de que o correcto exercício dos dons espirituais consolida a unidade e semelhança com Cristo na Igreja, enquanto o seu uso abusivo ou negligente implica desunião e afastamento dessa mesma semelhança. O Espírito, se Lhe for permitido, proporcionará estabilidade na doutrina, na administração e na ética, construindo uma Igreja com maturidade e protegendo-a de aberrações, dissidências e fanatismo.

O principal motivo do nosso estudo tem sido estabelecer a base escriturística para o tópico dos dons espirituais, tal como os encontramos no Novo Testamento, quando a Igreja estava na sua infância, apenas iniciada a sua carreira, e necessitando de ser equipada para a sua missão num mundo pagão. Esta era uma situação única, que não deveria ser equiparada a qualquer outro século posterior; contudo as necessidades básicas da Igreja hoje são similares: lutar pela sua sobrevivência num mundo que lhe é alheio. Ela necessita do ministério completo do Espírito e dos Seus dons para a equipar na continuação intensiva do seu combate. Felizmente, ela tem uma herança — uma linha de apóstolos sabiamente cuidando da sua administração; uma profetiza para inspirá-la, admoestá-la e guiá-la; pastores e professores para instruí-la; alguns milagres para confirmar a sua confiança no poder sobre-

natural; dons de curar para o seu ministério de misericórdia; socorros e governos para o seu serviço diário para com o mundo; e diversidade de línguas para a sua proclamação do evangelho a todo o mundo. É relevante o facto de que uma Igreja tão cautelosa no que concerne às curas carismáticas faça tanto para a cura genuína através do seu ministério médico e que, igualmente bastante cuidadosa quanto ao dom de línguas, esteja dizendo tanto em tantas línguas a cada nação, tribo e povo. Se essa tradição de serviço continuar e se desenvolver ainda mais poderosamente, a Igreja Remanescente necessitará de todo o poder que só o Espírito Santo poderá conceder, pois todos são necessários. Felizmente, «a promessa do Espírito Santo não é limitada a algum século ou raça. Cristo declarou que a divina influência do Seu Espírito estaria com os Seus seguidores até ao fim. ... O tempo decorrido não operou nenhuma mudança na promessa dada por Cristo ao partir, promessa esta de enviar o Espírito Santo como Seu representante»: — **Actos dos Apóstolos**, pp. 49, 50.

Desejo de dons

Por nós próprios — e nós somos a Igreja — podemos estudar o Espírito e os Seus dons infinitamente, mas se não nos rendermos a Ele e não formos receptivos quanto aos Seus dons, então a nossa religião será mera formalidade e faltar-lhe-á o cobigado poder. «Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque a promessa não é apreciada como devia ser». — **Idem**, p. 50.

Mais ainda, queridos companheiros adventistas, as nossas vidas devem reconhecer a supremacia do amor sobre qualquer outro dom. A Igreja, propriamente dita, pode possuir todos os dons excepto um; contudo, se não tiver amor, nada é, de nada nos aproveitará. Nós, seus membros, devemos revelar o carácter repleto de amor do nosso Mestre a um mundo que tem o direito de esperar receber essa revelação. Quando esse ideal tiver sido alcançado, não estaremos longe do reino!

Nesta sessão da Conferência Geral exortamos aqueles dentre nós que são administradores e obreiros, a fim de abriremos os nossos corações aos movimentos do Espírito Santo. Incitamos os oficiais das nossas igrejas, os nossos membros, os nossos amigos que nos visitam, a convidarem a Terceira Pessoa da Trindade a fazer morada nas nossas vidas. Deste modo poderemos ser cheios do Espírito Santo. Deste modo poderemos ainda mover o mundo. «Por causa disto», nos pomos «de joelhos perante o Pai do nosso Senhor Jesus Cristo ... para que, segundo as riquezas da Sua glória, vos conceda que sejais corroborados, com poder, pelo Seu Espírito, no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações» (Efésios 3:14-17). Como será verdadeiramente maravilhoso permitir que esta oração se cumpra agora em cada um de nós! Tornemo-lo possível, AGORA, pois AGORA é o tempo para que isso aconteça!

B. E. S.

ANALISANDO A «REFORMA» DE 1914

Vilmur C. Medeiros

A irmã White deixou bem claro que se fazia necessária uma reforma entre o povo de Deus:

«Deus requer um reavivamento e uma reforma.» — **Serviço Cristão**, p. 41.

«Antes de os juízos de Deus caírem sobre a Terra, haverá entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito Santo e o poder de Deus serão derramados sobre Seus filhos.» — **Serviço Cristão**, p. 503.

Iluminada pelo Espírito Santo, ela mostrou como se desenvolveria este reavivamento e quais seriam as suas características. Isto ficou bem assente para que ninguém fosse enganado por «movimentos de reforma» destituídos das credenciais divinas. «Satanás, porém, tem estado a trabalhar assiduamente para desviar a autêntica reforma espiritual que o Senhor quer operar no seio da Igreja. Este tem sido o método do grande inimigo desde os dias antigos: adulterar o verdadeiro e oferecer uma falsificação, para promover a desordem, o caos e a perdição, em lugar da verdadeira conversão e a vida eterna.» — **Preparação Para a Crise Final**, p. 25.

Já nos dias de Lutero, por intermédio de Münzer, um instrumento diabólico, foi criada uma contrafacção: «Satanás não estava ocioso. Passou a tentar o que havia experimentado em todos os outros movimentos de reforma — enganar e destruir o povo, apresentando-lhe uma contrafacção em lugar da verdadeira obra. Assim como houve falsos cristos no primeiro sé-

culo da Igreja cristã, surgiram também falsos profetas no século décimo sexto.

«Alguns homens, profundamente impressionados com a agitação que ia pelo mundo religioso, imaginavam haver recebido revelações especiais do Céu, e pretendiam ter sido divinamente incumbidos de levar avante, até à finalização, a Reforma que, declaravam, apenas fora iniciada debilmente por Lutero. Na verdade, estavam desfazendo o mesmo trabalho que ele realizara...

«Um desses profetas pretendia haver sido instruído pelo anjo Gabriel... Algumas pessoas realmente sinceras foram transviadas pelas pretensões dos novos profetas.»

«Lutero, em Wartburgo, ouvindo o que ocorrera, disse com profundo pesar: Sempre esperei que Satanás nos mandaria esta praga!» — **O Grande Conflito**, pp. 152/53.

Examinemos agora algumas características que devem acompanhar o verdadeiro reavivamento que teria de ter lugar entre o povo do advento:

I — Começar pelos ministros

«O povo de Deus não suportará a prova a menos que haja um reavivamento e uma reforma entre o povo de Deus, **mas essa deve começar a sua obra purificadora entre os ministros.**» 1T, 469 (**Prep. C. Final**, p. 25).

A reforma de 1914 não foi dirigida por pastores; logo, ela não preenche esta característica da verdadeira reforma.

Porventura não havia fiéis pastores adventistas quando se iniciou a 1.ª

Guerra Mundial? Sem dúvida alguma, havia e muitos. Notemos o que a Sra. White afirmou em 1913: «Quando à noite não consigo dormir, elevo o coração a Deus em oração, e Ele me fortalece, e me dá a certeza de que **está com os Seus servos ministradores no campo nacional e em terras distantes.**» — 3TS, p. 439.

Esses ministros que Deus estava abençoando tanto nos Estados Unidos como em terras estrangeiras, eram fiéis. E porque não foram eles os líderes do «movimento de reforma»?

É interessante notar que entre eles, (os pastores fiéis) encontrava-se o Pastor J. N. Loughborough que figura entre os fundadores da mensagem e que morreu em 1934, isto é, 10 anos após o surgimento do «movimento reformista», como fiel ministro adventista. Porque não quis ele tomar parte no dito movimento?

W. G. White, filho da irmã White e fiel ministro de Deus, também não se filiou no movimento de 1914, apesar de ter vivido até ao ano de 1936, isto é, 22 anos após o surgimento da «reforma». (A frente voltaremos a falar sobre o filho da Sra. White).

O que diremos da própria irmã White que morreu em Julho de 1915, mais de um ano após a separação na Alemanha? Se o movimento fosse de Deus, não seria ela a primeira a liderá-lo? Mas ao contrário disso, o que ela fez foi deixar palavras de confiança, para a Igreja Adventista, a sua Igreja, e não para outro movimento, como vamos ver mais adiante.

«Não espero viver muito tempo. Meu trabalho está quase terminado...

Penso que não mais terei testemunhos para o nosso povo. **Nossos homens de mente firme sabem o que é bom para o crescimento da causa.** — *Test. Selectos*, vol. III, p. 443.

Onde estavam, segundo esta declaração, em 1915, os chefes de mente firme que estavam aptos a fazer a obra crescer e progredir? No grupo separatista? Não. Estavam, sim, na Igreja Adventista.

Se alguém ainda hoje pensa que os fundadores do «movimento reformista» foram homens de mente firme, pedimos que adquiram «O Livro do Pecado», o livro negro da reforma, escrito por um dos seus líderes, e leiam a partir da página 18 a biografia de cada um deles e tudo ficará claro que eles não foram homens de mente firme, a esar de terem conseguido iludir considerável número de almas incautas. «Ver-se-á que estes que proclamam mensagens falsas **não terão um alto senso de honra e integridade.**» — *Test. para Ministros*, p. 42.

Vimos então que o movimento de 1914 não preenche a primeira característica de verdadeira reforma.

II — Uma reforma isenta de discórdia, lutas, confusão, etc.

«É chegado o tempo para se realizar uma reforma completa. **Quando esta reforma começar, o espírito de oração actuará em cada crente e banirá da Igreja o espírito de discórdia e luta... Não haverá confusão**, pois todos estarão em harmonia com o Espírito». — *Test. Selectos*, vol. III, pp. 254 e 255.

Como harmonizar esta passagem com a reforma de 1914, que desde os seus primórdios até à actualidade tem tido uma história de discórdia, luta, confusão, separação, etc.?

Leiamos apenas, algumas palavras do «Livro do Pecado»: Quem era o irmão E. Dorscheler? Foi revelado que ele era um oposicionista, porque ele mesmo demonstrou. Ele **desligou-se** de início do movimento da reforma com os crentes holandeses... Queria ser independente. **E enganou essas pobres almas a segui-lo** por meio da arma da crítica... todas as propriedades foram inscritas no seu nome... Ele era da opinião de que não se deveria casar. Infelizmente, a sua própria filha fugiu a fim de casar-se fora do país. Pouco tempo depois **morria**, em 1936, **numa casa de alienados**... Isto foi o fim de uma história de **oposição**... pp. 18 e 10 (Obs. Este homem foi o mais destacado fundador da «reforma»).

«Os filhos do irmão Welp **brigaram** com o irmão K. Spanknobel e tomaram a obra nas suas mãos na América do Norte.» p. 19.

«O irmão Maas é um dos mais perigosos ladrões que jamais tivemos entre nós.» p. 20 (Obs. Nossa — Ele era líder mundial do movimento).

«Nossa organização é 10 vezes pior do que a igreja grande.» — p. 21.

«O irmão Welp incomodava todas as igrejas aonde ia... De 1939 a 1941, durante a guerra, **fundou o irmão Welp um grupo próprio**... Ele foi de membro em membro para recolhar o dízimo. Ele gastou tudo o que recolheu. Quando os irmãos lhe pediram conta, disse que o **Sumo Sacerdote de Deus** nunca deu contas.» — pp. 22 e 25 (grifos do signatário).

Em 1951, após 15 dias de discussão, o «movimento reformista» dividiu-se em duas facções, formando duas conferências gerais. De então para cá tem havido muita luta entre as duas «formas».

É interessante notar que mesmo entre os dirigentes de cada facção têm surgido muitas dificuldades.

Todos sabem que os Srs. A. Lavrik e D. Nicolici estavam unidos quando da separação de 1951, e, que eram e continuaram sendo por muito tempo as principais figuras do movimento. Mas vejamos as palavras ferinas que na sua carta, dirigida ao Dr. E. Kanyo, o Sr. Lavrik usa contra o seu colega, o Sr. D. Nicolici, por tentar este formar outro movimento:

«Prezado irmão Kanyo:

«Saúde e paz do Senhor lhe desejo ...

«Esta semana escrevi-lhe, e creio que esteja em suas mãos a minha última carta. Hoje torno a escrever-lhe, visto que já estou com passagem comprada e data marcada para deixar Sacramento no dia 1 de Junho... Estou muito preocupado com o nosso encontro... Pode ser que esta seja uma oportunidade para convencer aqueles irmãos de Speele, para se chegar à conclusão de realizar uma Conferência Geral de Paz, e **então chamar Nicolici para que responda ao que eles querem, e nós o permitiremos**; pois ele, o velho, revelou contudo que, sem escrúpulo, sem vergonha e sem consideração alguma, é **rebelde aberto** contra a Conferência Geral, e **tenta fazer outro movimento**. Conseguiu algumas vantagens sobre os pobres australianos que eram seus amigos, **Haynes e outros, Waymark e Heslop**, gente fraca de carácter, e ele tomou vantagens, para confundir. A conferência de delegados resolveu apoiar a Conferência Geral, e **o irmão Stewart pensou que já estava acabada a luta, mas enganou-se**. Nicolici ficou lá e ele veio para os Estados Unidos; Nicolici realmente domina a comissão. Dizem que agora está esperando John Nicolici, das Filipinas... **para fortalecer o propósito da rebelião**... Assim que não há outra coisa a esperar do que declarar Nicolici Velho e John Nicolici da mesma obra ou pior ainda, pois o que John Nicolici fez no seu campo, o pai fez fora do seu campo, indirectamente oposto; **se isto não é rebelião, então jamais houve outra rebelião... Ele deve responder pelos seus crimes**, se se puder convencer os de Speele e convocar uma Conferência Geral para ajustamento. **Nicolici porém deve ser**

posto fora do ajuste; ele é o bode emissário, o mais culpado de todos no assunto de todas as rebeliões... Este homem me aborrece sem medida, ofendeu toda a causa, todo o Movimento, e Deus tem uma conta com ele... Creio que se nos separamos de Nicolici, eles vão ter mais confiança numa conferência: E mesmo nós não podemos ter mais com Nicolici outra conferência, mesmo que ele se humilhe, se retrate; não temos que aceitar este homem na obra...

«Aceite saudações fraternais do irmão em Cristo.

Ass.: A. Lavrik.»

(Carta do Sr. Lavrik ao Dr. Kanyo escrita em 20-5-1966 — Grifo nosso).

Poderia ser esta a reforma da qual falou a irmã White? — Não! Podemos afirmar sem medo de errar.

Comparemos agora o movimento de 1914 com mais um texto da Sra. White: «Em visões da noite passaram perante mim representações dum grande movimento reformatório entre o povo de Deus. **Os enfermos eram curados, e outros milagres eram operados**. Vi-se um espírito de intercessão tal como se manifestou antes do grande dia de Pentecostes. **Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus ... Portas se abriram por toda a parte para a proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela influência celestial**... Ouvi vozes de acções de graças e louvor, e parecia haver **uma reforma como a que testemunhámos em 1844.**» — *Test. Selectos*, vol. III, p. 345.

O «movimento de reforma» não preenche as condições deste testemunho. Isto todos os que o conhecem poderão perceber facilmente, dispensando, portanto, argumentação a respeito. Está claro então que não é um movimento com base profética, mas uma reforma espúria como outras que surgiram já antes de 1914.

III — Características dos falsos movimentos

Vejamos, agora, algumas das características dos falsos movimentos de reforma que têm surgido entre o povo adventista, e façamos um confronto entre eles e o pretensioso grupo chamado «movimento de reforma»:

a) Pretendiam que a Igreja Adventista estivesse apostatada, rejeitada por Deus.

b) Tachavam-na de Babilónia, prostituta, gaiola de toda a ave imunda e aborrecível, etc.

c) Os que dirigiam eram homens aparentemente inspirados, consagrados, zelosos, etc.

d) Pretendiam sempre ser portadores de grande luz e ter sido chamados para reformar a Igreja Adventista.

e) Pretendiam ser representados pelo Anjo de Apoc. 18 e estar incumbidos da proclamação do alto clamor.

f) Usavam os Testemunhos da Sra. White para dar peso aos seus ensinamentos.

Provemos isto: «O Pastor K, moribundo, teve o quarto cheio de pessoas inebriadas, enquanto se achava no hospital de Battle Creek. **Muitos foram enganados. O homem parecia inspirado.** Mas a luz que me foi comunicada foi: 'Esta obra não é de Deus. Não creiais a mensagem!'»

«Alguns anos depois, um homem chamado N. de Red Bluff, na Califórnia, veio a mim para dar a sua mensagem. **Disse que era o alto clamor do terceiro anjo** que devia iluminar a Terra com a sua glória. Pensava que Deus passara por alto todos os dirigentes e lhe dera a mensagem. Tentei mostrar-lhe que estava enganado. **Ele disse que os adventistas do sétimo dia eram Babilónia...** Tivemos muita dificuldade com ele, a sua mente ficou desequilibrada e ele teve de ser posto num asilo de alienados.

«Um, Garmire, defendeu e publicou uma mensagem quanto ao **alto clamor** do terceiro anjo; acousou a Igreja... Disse que todos os dirigentes da Igreja haviam de cair por exaltação própria, e outra classe de homens humildes viria para a frente...

«Esse engano foi-me revelado. Esse é um homem inteligente, falando de maneira aceitável, e **abnegado e cheio de zelo e ardor, e tendo a aparência de consagração e devoção.** Mas a Palavra de Deus veio a mim: 'Não os creiais, não os enviei'. — **Mensagens Escolhidas**, liv. 2, p. 64.

«Ele pretendia crer nos testemunhos. Pretendia que estes eram verdadeiros, e empregava-os da mesma maneira por que os tendes usado, para dar força e **aparência de verdade a suas pretensões.**

«Se algum homem a quem olhei **era inspirado**, certamente era este; mas eu lhe disse claramente que **sua inspiração era de Satanás, não de Deus.**» — *Idem*, p. 65.

«Como ousa o homem mortal definir o seu julgamento sobre eles (os adventistas do sétimo dia), chamar a Igreja de **prostituta, de Babilónia, covil de ladrões, gaiola de toda a ave imunda e aborrecível, morada de demónios...** e proclamar que os pecados dela atingiram os Céus e Deus se lembrou de suas iniquidades? **É esta a mensagem que devemos dar aos adventistas do sétimo dia?** Digo-vos, Não! A NENHUM HOMEM DEUS DEU UMA TAL MENSAGEM.

«**Que estes homens humilhem os seus corações diante de Deus**, e em verdadeira contrição se arrependam de terem estado por algum tempo ao lado do acusador dos irmãos, que os acusava de dia e de noite diante de Deus...» — **Parágrafos extraídos do Manuscrito 21, 1893.**

«Erguem-se continuamente **pequenos grupos** que crêem que Deus **está unicamente com os poucos**, os dispersos, e sua influência é derrubar e espalhar

o que os servos de Deus constroem... Fazendo todos uma obra especial para o inimigo e todavia pretendendo **possuir a verdade.** Eles ficam separados do povo a quem Deus está **conduzindo e fazendo prosperar**, e por meio de quem há-de **realizar a Sua grande obra.** Esses estão continuamente exprimindo **os seus temores** de que o corpo de observadores do sábado se **esteja tornando como o mundo...** O povo que, segundo a Palavra de Deus, se está esforçando ao máximo para ser um, os que são estabelecidos na mensagem do terceiro anjo, **são olhados com suspeita, pelo facto de estarem estendendo a sua obra, e reunindo almas à verdade.** São considerados mundanos, porque **exercem influência sobre o mundo**, e os seus actos testificam de que eles estão esperando que Deus faça ainda uma **obra grande e especial** na Terra — conduzir um povo e prepará-lo para o aparecimento de Cristo.» — **Test. Selectos**, vol. I, pp. 166 e 167.

«Que todos os que lerem estas palavras lhes dêem toda a consideração; pois em nome de Jesus desejo com elas impressionar cada alma. Quando se levanta alguém do nosso meio ou fora de nós, tendo a preocupação de proclamar uma mensagem que declare que o povo de Deus pertence ao número dos de Babilónia e que pretenda que o alto clamor é um chamado para sair dela, podereis saber que esse tal **não é portador da mensagem de verdade.** Não o recebeis, não lhe desejeis bom êxito... Afastai-vos desses; não tendes comunhão com a sua mensagem, **por muito que eles citem os Testemunhos e atrás deles busquem entrincheirar-se...** Essa classe de obreiros maus tem escolhido porções dos Testemunhos, e tem-nas colocado numa moldura de erro, a fim de por esse meio dar influência aos seus testemunhos falsos.» **Test. Selectos**, vol. II, pp. 363 e 357.

«Todos os que conhecem alguma coisa a respeito do grupo separatista já perceberam a esta altura, através das breves citações, que ele (o grupo separatista) se enquadra cem por cento com as características dos falsos movimentos.

Diz mais a serva do Senhor: «A mensagem que declara a Igreja adventista do sétimo dia Babilónia, e chama o povo de Deus a sair dela, não vem de um mensageiro celeste, ou nenhum instrumento humano inspirado pelo Espírito de Deus.» — **Mensagens Escolhidas**, livro 2, p. 66.

«Pretender que a Igreja Adventista do Sétimo Dia seja Babilónia, é fazer a mesma acusação que faz Satanás, que é um acusador dos irmãos, acusando-os dia e noite, perante Deus.» — **Test. para Ministros**, p. 42.

Escapa a «reforma» destas condenações, pelo simples facto de ter ela urgido posteriormente a estas declarações? — Não.

«Desde não tenho apresentado o meu testemunho, dizendo que em **surgindo quaisquer pessoas** pretendendo

possuir grande luz...» — **Test. Selectos**, vol. II, p. 355.

«Em surgindo quaisquer pessoas», em qualquer época, quer dizer a profetisa, e não só até 1914.

A mesma coisa acontece com o texto que diz: «Quando se levanta alguém, do nosso meio ou fora de nós...» — *Idem*, p. 363.

Referindo-se ao surgimento de movimentos acusadores no futuro, disse a Sra. White: «Semelhantes mensagens hão-de apresentar-se e delas será declarado serem enviadas de Deus, **mas tal declaração será falsa.**» — **Test. para Ministros**, pp. 41 e 42.

É muito interessante notar também que a Igreja que a irmã White estava a defender seria finalmente agraciada com o dom do Espírito Santo, a fim de transmitir ao mundo a advertência final; isto prova que não seria rejeitada. «Deus tem na Terra uma Igreja que está erguendo a lei pisada a pés, e apresentando aos homens o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. A Igreja é depositária das abundantes riquezas da graça de Cristo, e **pela Igreja** será finalmente **exibida a última e plena manifestação** do amor de Deus ao mundo, que deve ser iluminado com a Sua glória. A oração de Cristo, de que a Sua Igreja fosse uma, como Ele e o Pai eram um, **será afinal atendida.** Será conferido o rico dom do Espírito Santo, e por seu constante suprimento aos filhos de Deus, tornar-se-ão eles testemunhas no mundo, do poder de Deus para salvação.» **Test. Selectos**, vol. II, p. 356.

«As igrejas **denominacionais caídas** é que são Babilónia. Babilónia tem estado a promover **doutrinas venenosas**, o vinho do erro. Este vinho do erro é composto de **doutrinas falsas**, tais como a **imortalidade natural da alma, o tormento eterno dos ímpios**, a negação da **pré-existência de Cristo** antes do Seu nascimento em Belém, a defesa e **exaltação do primeiro dia da semana** acima do santo e santificado dia de Deus.» — *Idem*, p. 362.

As quatro doutrinas características de Babilónia que aparecem nesta passagem, não eram ensinadas pela Igreja Adventista, nos dias da irmã White e por isso ela afirmou não ser a Igreja Adventista Babilónia. E agora perguntamos: os pregadores adventistas de hoje defendem tais doutrinas? Nossa literatura ensina tais erros? Não. Então a Igreja que não era Babilónia naquele tempo, também não é hoje. E, uma vez que ela não é Babilónia, está provado então que é a Igreja de Deus.

Prezado leitor, se é membro do «movimento de reforma» desejamos fazer-lhe um pedido: Este artigo foi preparado unicamente com o objectivo de ajudá-lo a compreender que a Igreja Adventista não foi rejeitada por Deus como o leitor foi instruído. Leia-o, não com a intenção de refutar os textos como às vezes acontece, mas, sim, de receber a iluminação do Espírito de Deus que está desejoso de encaminhá-lo para a verdadeira Igreja.

PLANO DE CINCO DIAS

para deixar de FALAR DA VIDA ALHEIA

UMA LIÇÃO

Levantemo-nos hoje bastante cedo, antes de o Sol nascer, para uma caminhada a pé, pois a nossa aula será dada em pleno céu aberto, no meio da Natureza, onde iremos procurar as lições e os remédios para corrigir o mal das línguas desenfreadas.

Saiamos todos juntos pela estrada íngreme da vida, observando demoradamente os estragos que demasiados falatórios têm causado na fina camada dos sentimentos, deixando sulcos profundos que fazem trepidar a amizade, a fé e o amor.

Vamos visitar algumas ruínas humanas abandonadas por aí, semi-soterradas no pó da indiferença, e outras já sepultadas na areia movediça da incredulidade de homens e mulheres que se deixaram levar pelo espírito de acusação e crítica, a ponto de perderem todo o entusiasmo pela verdade.

Vejam ali, naquela ladeira, aqueles escombros humanos tristes, vazios, solitários, que poderiam estar hoje a regozijar-se na fé, não fosse a tendência mórbida de cravar os olhos no que há de pior na humanidade.

Contemplem, aqui do alto, o que restou no coração desses pobres e complexados seres humanos que, para os seus irmãos e a Igreja de Deus, só tiveram nos lábios palavras duras de reprovação.

Vejam, lá bem distante, à esquerda dos altos montes que estão à nossa frente, aqueles lindos castelos construídos no ar por pais carregados de sonhos e esperanças, e que poderiam ter-se transformado em realidade, não fosse a condescendência com a crítica, com a maledicência e outros pe-

cados semelhantes que desviam vocações, desacreditam virtudes e zombam da reverência e do respeito devidos a Deus e às Suas criaturas.

Olhem acolá, além daquelas quebradas, a seara verdejante, tremeluzindo ao sol, onde foram lançadas as sementes da impiedade! É a nova geração que desponta estigmatizada pela irreverência que aprendeu dos pais, ao ouvirem dia após dia as críticas e condenações aos obreiros e à Causa de Deus.

Enquanto passamos por este vale sombrio, deserto de amor, demos um ligeiro balanço à colheita de tempestade que por certo não-ter esses que passaram pela vida semeando ventos e dissensões.

Aproximemo-nos calmamente daquele grande rio, que desliza silencioso ali no fundo do vale. Vejam aqui, deste ângulo, aquelas pontes de boa vontade estendidas por sobre os abismos de incompreensões e inimizades. Como arcam ao peso das críticas e zombarias, a ponto de se partirem à força de tentar unir os irreconciliáveis!

Estão vendo ali, à beira do caminho, aqueles marcos removidos, que delimitavam as fronteiras da boa vizinhança? Eles foram arrancados pela indiscrição, pelo desleixo dos que vivem a andar de casa em casa criticando os irmãos, enquanto os seus próprios lares se deterioram na sujeira e na podridão.

Deixemos a estrada batida e suja dos maldizentes e embrenhemo-nos na mata agreste que se inicia ali no sopé da serra.

Não tenham receio! Não se assustem! Venham comigo aprender na escuridão da mata as lições

singelas que as plantas e os animais nos ensinam, bem como as condenações acerbas que Deus despeja sobre a cabeça dos intriguistas, servindo-Se das mais pequenas obras das Suas mãos. A primeira grande lição que aprendemos entre este emaranhado de trepadeiras que se enroscam e sobem pelos troncos, é a lição do respeito mútuo que deve haver entre irmãos. Na solidão da mata, os animais da mesma família protegem-se mutuamente e vivem num regime de cooperação. «Aqui o lobo não come o lobo e o leopardo respeita o leopardo. Só o homem é inimigo do homem.»

Há mais perigos na cidade onde os carros cruzam e recruzam as ruas e onde as línguas tramam e retramam o mal, do que nesta selva bravia onde as feras nos tratam com deferências e fogem à nossa aproximação.

Os mais temíveis inimigos aqui são as serpentes, que quase sempre nos atacam pelas costas; mas, esse golpe, todos os maldizentes o conhecem de cor e salteado, de maneira que não precisam de ficar temerosos. Se, porventura, um dos nossos alunos for atingido por peçonha mortal, temos aqui na mochila o antídoto que exercerá a sua acção salvadora.

Sabem todos de que é feito o soro antiofídico? Do próprio veneno da cobra, o qual depois de dominado, se torna em inimigo do mal. Assim, para combater a maledicência e todo o enxurro de palavras más, não existe nada melhor que a palavra boa.

Vamos em frente, em fila indiana, aqui por esta picada!

Terceiro Dia

NO MEIO DA NATUREZA

Não olhem assim, despreocupadamente, para todos os lados. Quem anda no mato não se deve distrair com os animais e os insectos que pululam à beira do caminho, porque isso pode ser fatal!

Andem firmes, atentos, de olhos abertos e voltados para a frente, sem se assustarem com o farfalhar das folhas e o ruído dos gravetos que se quebram debaixo dos nossos pés. Assim devem andar os filhos de Deus, alheios ao matraquear das línguas que farfalham ao sopro da brisa de qualquer mal.

Corram aqui. Venham ver o que é trabalhar, ao pé deste formigueiro! Observem as formigas ao trabalho. Dia e noite, é isto que aqui se vê. Este levar e trazer que não tem fim, interminável como o dos mexeriqueiros. A diferença do trabalho entre os dois está apenas na qualidade da mercadoria que transportam. A formiga, sábia e inteligente, leva o pão para a família, enquanto o falador insensato baldeia o mexerico e o boato.

Vamos andando, porque temos ainda pela frente muita coisa para ver. Reparem aqui nesta clareira, contra a luz do sol, esta perfeição de teia de aranha! Não parece construída com filamentos de cristal?

Atenção! Não se movam! Lá vem a aranha a sair do seu esconderijo. Vejam ali, aquele insecto. Pobre coitado! Emaranhou-se na teia, e a aranha, de longe, deu por isso. Vejam como avança veloz para apanhar a vítima. Vejam aqui de mais perto. Observem agora como o infeliz se debate em vão, ao ser enleado pelos seus fios pegajosos.

Assim tecem as línguas de trapos, com palavras envolventes, um

emaranhado de falsidades em torno daqueles que lhes são adversos.

A aranha, entretanto, mata para se alimentar, ao passo que o intriguista o faz para satisfazer os desejos do seu pai, que é o acusador dos irmãos.

Levantem depressa os olhos para o céu! Não sei se já repararam. Há alguns minutos era apenas um, e agora são centenas de corvos que voam em semicírculo por sobre as nossas cabeças e descem em parafuso, ali, além daquele riacho. Uma rês ou outro animal qualquer deve ter morrido, «porque onde estão os cadáveres ali se juntarão as águias». Os abutres e os corvos também, assim como os mexeriqueiros, se juntam para esfolar as suas vítimas.

Vamos andando. Um pouco mais adiante. Esta árvore caída aqui, cujo tronco começa a apodrecer, conta-nos a história de uma vida que afinal tombou, vítima, quem sabe, do vendaval ou de insectos daninhos, que, pouco a pouco lhe minaram a seiva.

A calúnia, a intriga e o mexerico, quando não devastam imediatamente as suas vítimas, minam também o entusiasmo, a confiança, a alegria, e fazem murchar o coração.

Venham cá todos, por favor! Olhem ali na copa deste coqueiro exuberante, aquela samambaia de metro que pende graciosa até ao meio, como as tranças das filhas de Sião.

Há línguas por aí, mais longas que as samambaias, mesmo entre aqueles que dão excessivo valor ao tamanho das melenas, e que amaldiçoam acicamente os cabelos curtos ou compridos.

A santidade não se pode medir com fita métrica, mas sabemos com certeza que a religião verdadeira põe fim ao falatório e reduz o comprimento das línguas. Mas, a esse assunto, entretanto, não vamos dar solução aqui no meio do mato. Deixemos que os nossos teólogos definam a velha história do comprimento dos cabelos e...

Atenção! Delitem-se rapidamente onde estão e cubram a cabeça. Rápido! Não se movam!! Bati, sem querer, com a esferográfica num ninho de vespas ali naquele galho, e já todo o enxame se pôs a esvoaçar. Colem-se ao chão e fiquem quietos até acalmar o ânimo e o furor dos insectos.

Arre! Como são tremendas essas vespas! Já viram coisa igual? Pequenas, frágeis, delicadas, mas têm um ferrão tão venenoso que fazem fugir espavoridos homens e animais consideráveis.

Há pessoas assim, como aquelas vespas. Frágeis, suaves, delicadas, mas que põem em debandada grandes congregações, pelo poder do veneno que transportam no ferrão.

Saiamos depressa deste sítio antes que essas abelhudas despertem de novo a sanha.

Lá está a Fonte Cristalínea que brota em borbotões, na base daquela Rocha! Vamos até lá beber a longos sorvos a Água da Vida que cura radicalmente todo o mau traço do carácter. Os problemas do dar à língua e outros da espécie humana só existem porque os homens não se detêm nesta Fonte.

É tarde! A passarada despede-se do dia, e o Sol, além, está a pôr-se. Venham depressa aqui por este atalho, que encurtará o nosso caminho. Vejam! Lá em baixo está

a estrada! Apressem o passo para que a noite escura não nos surpreenda aqui neste ermo. Se andarmos bem, dentro de mais alguns momentos estaremos a chegar a casa para uma merecida noite de descanso.

Quando se deitarem, depois desta caminhada, meditem um pouco em tudo o que hoje vimos. Na mata, como na Igreja, existe de tudo um pouco. Lá estão as sólidas árvores, gigantes, majestosas, bem como mil outros arbustos úteis, necessários, assim como na Igreja existem irmãos humildes ao lado de outros talentosos, todos de valor, indispensáveis.

Há, porém, na mata agreste, uma horda de ervas más e outras plantas venenosas que em tudo se assemelham aos filhos da escuridão. As urtigas, por exemplo, cheias de farpas violentas, espetam como os ímpios, sempre e em todas as direcções. Certas plantas rasteiras e espinhosas são como aqueles que, camuflados pelo anonimato, farpeiam, arranham e açoitam, pensando que ninguém vê. Os parasitas, sem conta, representam os negligentes que aí por toda a parte existem em abundância.

As sensitivas melindrosas são como certas pessoas que por tudo se ressentem.

Os paus podres derrubados, que se diluem no pó, profetizam o destino dos que tiveram prazer na iniquidade.

As folhas secas, caídas, que se agitam com o vento, são como os inconstantes que vão seguindo no embalo das ondas.

Os espinhos traiçoeiros, que na mata existem aos milhares, são a encarnação da maldade que o pecado originou.

Há, entretanto, uma diferença fundamental entre o homem e os vegetais, que em última análise é esta: uma planta, uma árvore, é o que é, sempre, até depois de morta, sem possibilidade alguma de mudança.

Giesta será giesta, cedro será cedro, acácia será acácia sempre, enquanto existir delas nem que seja apenas uma lasca.

O homem não. O homem pode mudar. Está nas suas mãos fazer a escolha entre ser um cedro alto, útil, majestoso, e um indezível e inútil pé de espinheiro.

SAÚDE RADIANTE-2

O PODER CURATIVO DA NATUREZA

Dr. Clifford Anderson

O poder curativo da natureza pode ser observado para onde quer que voltamos os nossos olhos. Suponhamos que tivémos um acidente num braço e que alguns vasos sanguíneos e um ou dois troncos nervosos importantes foram cortados. Somos imediatamente conduzidos ao centro de socorros mais próximo. Ali um cirurgião faz parar a hemorragia e limpa cuidadosamente a ferida. Remove todos os objectos estranhos e corta toda a pele morta e danificada. Em seguida, une os vasos sanguíneos que haviam sido cortados. Quando isto está feito, o médico vai então, com todo o cuidado, unir os nervos, fixando-os em alinhamento tão perfeito quanto lhe seja possível. A ferida é finalmente fechada e revestida com materiais apropriados.

Esta foi a parte do médico. Que se vai passar a seguir? Os nervos cortados voltarão a funcionar? Talvez. Mas levará tempo. Contudo é aqui que podemos constatar o poder e os processos curativos da natureza. Que acontece às fibras nervosas que foram cortadas? Aquelas que ficam para baixo do ponto onde o braço foi cortado, até aos dedos, morrem. Isto quer dizer que os músculos que elas serviam ficarão paralizados, e que poderá não haver qualquer sensibilidade na pele dos dedos e da mão.

Um verdadeiro milagre

Por quanto tempo continuarão as coisas desta maneira? Não será por muito tempo. Logo após o acidente, as fibras nervosas acima do ponto em que o braço foi cortado começarão a crescer novamente, embora, em estado normal, elas nunca tenham mostrado quaisquer sinais de crescimento.

Sob a direcção de um impulso misterioso, cada uma das fibras nervosas que foram cortadas começa agora a crescer, estendendo-se para o músculo ou grupo de músculos que antes serviam. Mesmo que apareçam obstáculos que lhes dificultem a marcha, elas continuarão avançando em direcção ao seu destino. Outras espécies de células estarão ocupadas na reparação dos tecidos danificados, no sítio onde se deu o acidente. Por entre estas células, as diminutas fibras nervosas vão tecendo o seu caminho, sem contudo se unirem jamais com qualquer delas.

Logo que o obstáculo foi ultrapassado, as novas fibras nervosas avançam rapidamente até que por fim atingem o lugar onde as antigas células jazem mortas. Então, entretanto, através do velho tronco nervoso, elas chegam ao ponto em que as células musculares jazem inúteis e paraliza-

das. Ali, elas estabelecem pronto contacto e em breve as células musculares paralizadas começam a recuperar.

A regeneração de um tronco nervoso danificado poderá levar semanas ou meses, mas não deixa de ser um verdadeiro milagre.

Reparação duma ferida

Suponhamos que cortámos um dedo. Como vai processar-se a cura, ou reparação, da ferida?

A Natureza começa a limpar a ferida imediatamente. Instantaneamente o sangue corre limpando completamente a ferida. Depois, logo a seguir, o sangue coagula e sela a ferida. Isto é apenas um começo. Dentro de algumas horas, todas as células de tecido conectivo na vizinhança da ferida começarão a multiplicar-se e a reparar os tecidos danificados. Os diminutos vasos sanguíneos que foram cortados começarão em breve a crescer para dentro da ferida, providenciando alimento e materiais de construção para as outras células que estão ocupadas em recuperar a ferida.

Éis um outro ponto igualmente notável. Se a ferida for esterilizada em absoluto, poderá nunca curar-se. Mas se alguns estafilococos forem introduzidos nela, o processo de cura começará dentro de muito pouco tempo! A presença de alguns germes alertará as forças defensivas do corpo e o processo de reparação será apressado. As células de tecido conectivo de cada um dos lados da ferida começarão a estender-se e a tomar contacto com as do outro lado. Em breve, pequenos fibroblastos farão uma ponte sobre a abertura, unindo as margens da ferida de tal maneira que, dentro de alguns dias, a única coisa visível da antiga ferida é uma cicatriz. Logo que a reparação está completa, as células deixam novamente de crescer e de se multiplicar. Acomodam-se à sua existência normal, e a vida continua como antes.

Os glóbulos brancos do sangue

Quando há uma infecção, a primeira linha de defesa do corpo é formada pelos glóbulos brancos do sangue. Eles estão sempre preparados e entram em acção muito depressa. Os venenos que entram por uma ferida podem ser introduzidos na corrente sanguínea e, em breve, atingir a medula óssea. Mas o corpo está preparado para uma tal emergência. Quase imediatamente, grandes quantidades de pequenos glóbulos brancos começarão a sair da medula óssea e a dirigir-se, através dos vasos sanguíneos, para o local da ferida. Ali chegados, rodeiam os germes e começam a devorá-los. Uma vez dentro dos glóbulos

brancos, os germes são dissolvidos por meio de um poderoso fermento digestivo, produzido por estas valentes células brancas. Quanto mais os germes se multiplicarem na ferida, mais rapidamente os glóbulos brancos saem da medula óssea a fim de combater os invasores.

Em certos tipos de infecção, os glóbulos brancos, ou leucócitos, podem ser destruídos pelos venenos produzidos pelos germes. Contudo, mesmo na sua morte, continuam a ser úteis ao corpo. Ao morrerem, os leucócitos abrem-se e deixam sair produtos químicos poderosos que ajudarão a dissolver os tecidos mortos e apressar a cura.

Na corrente sanguínea movem-se outras substâncias além dos glóbulos brancos e vermelhos. Todas têm uma parte a desempenhar na reparação do corpo a fim de mantê-lo saudável. Uma destas substâncias é chamada fibrinogénio. No sangue encontra-se em estado líquido. Mas, quando é exposto ao ar, muda-se em pequenos fios de fibrina. Quando o sangue coagula na ferida, estes fios de fibrina constroem uma ponte sobre a ferida e preparam um campo de batalha apropriado em que os leucócitos podem combater a infecção e efectuar a cura.

É impossível imaginar que tudo isto ocorra «por acaso». É que, em todo o processo de cura de uma ferida qualquer, os movimentos das diferentes células nada têm de accidental. Tudo se passa como se houvesse um desígnio, uma finalidade. Uma inteligência poderosa manifesta-se em cada detalhe da sua acção. Estas células portam-se como seres inteligentes, ajustando das situações que as confrontam e actuando em conformidade.

A cura de um osso fracturado

Cada pormenor do corpo humano é perfeito. A melhor ilustração desta verdade é o que se passa na cura de um osso fracturado.

Imediatamente após a fractura, as extremidades do osso fracturado começam em geral a sangrar. Quando o sangue coagula, as diminutas linhas de fibrina começam a construir uma ponte sobre a fractura. Depois, logo a seguir, as células ósseas entram em acção. Elas parecem actuar separadamente, mas em equipa, produzindo osso novo. Com a ajuda de poderosos microscópios, este processo maravilhoso tem sido filmado. Quando o filme é projectado numa tela, podem ver-se finas espículas brancas de osso movendo-se pela tela, dando a impressão de pedreiros colocando andaimes para a construção de um novo edifício. Estas células, que têm estado aparentemente adormecidas durante anos, passam de repente ao que tem sido chamado «um tumulto de activi-

dade». Não há, porém, nada desordenado nesta actividade. Trata-se sempre de um processo perfeitamente ordeiro. Tão maravilhosa como a solidificação do osso fracturado é a maneira como esta actividade transbordante pára tão misteriosamente como começou.

Acaso? Coincidência? Examine o leitor e decida.

Sim, há filósofos que tentam explicar estes mistérios chamando-lhes «causas naturais». Mas que significam estas palavras? São usadas apenas para esconder a nossa ignorância. Não têm verdadeira significação. O grande Voltaire, que desprezava o estreito dogmatismo religioso do seu tempo, ficava igualmente perplexo com a tendência de alguns à sua volta que se dedicavam a este mesmo tipo de pensar superficial. Um dia, pegando no seu relógio, ele voltou-se para um desses críticos e disse-lhe: «Este universo perturba-me. Não posso pensar que este relógio exista, mas que não exista o relojoeiro!»

Nem podemos nós tão-pouco pensar que o maravilhoso corpo humano, com todas as suas intermináveis reacções físicas, químicas e eléctricas, proceda de um mero acaso. Nada existe de casual na maneira como os leucócitos se movem para devorar os germes que destruiriam a nossa vida, nem na forma misteriosa como os diminutos fibroblastos soldam os fragmentos de um osso fracturado.

Para o observador cuidadoso, tudo na vida tem um objectivo. Poderemos nem sempre conhecer as razões. Mas, quanto mais estudamos o corpo humano, mais convencidos ficamos de que todo o universo constitui a expressão da mente do Deus Infinito. A desordem e a doença invadiram o mundo em que vivemos e todos temos sido vitalmente afectados. Com alguns de nós há dificuldades no corpo, com outros há enfermidades na mente.

Mas nada temos a temer. Qualquer que seja a nossa aflição, tudo o que necessitamos é de fé completa no poder restaurador de Deus. O Seu poder existe e está ao nosso alcance, nem mais longe nem mais perto do que a nossa fé. Os recursos infinitos da Omnipotência não se encontram mais distantes do que a nossa petição confiante. Aquele que guia os potentes sóis, estrelas e planetas nas suas órbitas através dos céus, fez provisão para a cura de qualquer doença que possa vir a afligir o nosso corpo.

A oração pela cura

Profundamente implantado na mente humana há o sentimento de que existe alguém maior do que nós. De que outra maneira se poderá explicar o maravilhoso universo que nos rodeia? Nenhum ser racional acredita realmente que estas maravilhas vieram à existência por acaso ou por si mesmas.

Podemos rebelar-nos contra a presença de Deus, mas nos recessos ignorados da nossa mente existe a sensação do infinito. Na hora da tragédia ou do luto, o ser humano volta-se instintivamente para Deus. Até mesmo os mais cépticos, embora dizendo que duvidam da existência de Deus, quando confrontados por alguma emergência extrema, gritam por libertação. De qualquer forma que tentem explicar as suas acções, o grito por ajuda dirige-se Aquele perante Quem eles sentem que terão um dia de dar conta dos seus actos. No seu apelo por ajuda, realizam o mais profundo dos desejos do coração humano: o contacto com Deus.

Há séculos, Santo Agostinho exprimiu a necessidade que o homem tem de Deus nesta bela oração: «O Deus, Tu nos fizeste para Ti, e o nosso espírito agitado não encontrará repouso até que o encontre em Ti».

Este é o verdadeiro objectivo da oração. Oramos, não tanto pela cura, como pelo repouso. É pela oração que encontramos a resposta a perguntas que muito frequentemente nos trazem perplexidade e nos perturbam. Acima de tudo o mais, aquilo que o coração humano mais deseja é repouso.

É baseado no conhecimento desse desejo profundo da nossa alma que o Mestre nos convida a ir ter com Ele. «Vinde a Mim, disse Ele, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei... e encontrareis descanso para as vossas almas». (S. Mateus 11:28, 29). Ele não promete dar-nos tudo o que nós pensamos necessitar, mas promete aliviar-nos e dar-nos repouso. Esta é a única resposta real para a nossa agitação e frustração constantes.

Quantas vezes passamos por grande aflição a fim de podermos conhecê-lo melhor e reconhecer o Seu poder nas nossas vidas! Assim entramos em contacto com Ele. Não que as nossas orações recebam sempre as respostas que mais desejamos; até se dá muitas vezes o contrário. Mas, através da oração, toma-se consciência de que a porta do Céu está sempre aberta, desde que consintamos em que Deus opere o Seu querer em nós.

O que é orar?

Parece-nos importante fazer esta pergunta: O que é orar? Existem muitas definições de oração, mas nenhuma é tão expressiva como a dada por Ellen White, no seu livro **Aos Pés de Cristo**: «Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo».

Numa amizade verdadeira não há egoísmo nem pressão. Não fazemos pressão sobre alguém cuja amizade prezamos. Temos apenas um desejo: entrar na sua intimidade, aceitar o seu conselho e agradar-lhe. Esta é a única maneira de nos aproximarmos de Deus. Ele é o nosso Amigo.

Isto é muito diferente da atitude de algumas pessoas. Muitas delas pensam em orar apenas quando lhes ocorre uma grande calamidade ou uma doença grave. Procuram então alguém que ore por elas. Uma tal atitude tem a sua origem no medo. É como se a pessoa tentasse apaziguar algum poder maligno decidido a destruí-la. Com certeza que não é desta forma que se aproximarão de Deus aqueles que procuram a cura divina através de uma comunhão com Deus.

Está certo que precisamos ajuda em momento de crise. Mas as orações que se confinam apenas a ocasiões semelhantes poderão ter origem em puro egoísmo. Se quisermos receber todo o benefício de cura através da oração, devemos estar em comunhão constante com Deus. Ele conhece as nossas necessidades e supri-las-á conforme for para nosso melhor proveito e bem.

A oração nunca foi planeada como um meio de obter prosperidade material. O seu único objectivo é pôr-nos em harmonia com o Autor do universo, a fim de podermos compreender a Sua vontade e nos tornarmos um com Ele. Não oramos a fim de mudar a Deus, mas para que os nossos pensamentos se conformem com os d'Ele. Quando procedemos assim, muitas vezes nos surpreendemos de que os desejos da nossa alma obtenham uma resposta, embora ela possa vir de uma forma diferente da esperada.

Como devemos orar?

É loucura tentar dizer a Deus o que Ele deve fazer. Ele sabe já o que é melhor para nós, mesmo que estejamos em sofrimento devido às nossas próprias transgressões. A resposta imediata às nossas orações poderá fazer-nos mais mal que bem, pois não aprenderíamos os segredos da confiança em Deus. Mas, ao nos entregarmos nas mãos de Deus, achamos felicidade e paz, e, daí em diante, podemos confiar-lhe o nosso problema.

Nem devemos perder a nossa confiança em Deus quando a oração não traz cura a uma pessoa de família, e ela morre. O que quer que sejam os nossos desejos, chega uma altura em que é melhor que os nossos queridos vão descansar das suas fadigas. A escolha do tempo não nos pertence. Pertence a Deus. Deixemos com Ele a decisão final.

A oração é o mais grandioso privilégio jamais concedido a homens e mulheres.

Quando conhecemos Deus como um Amigo, os nossos receios desaparecem. Encontramos resposta para todos os nossos problemas, sejam eles grandes ou pequenos. Só desta forma poderemos esperar ajuda e cura em todas as ocasiões de crise ou dor.

A oração tem o seu lugar em tempo de doença e dor. É justo que oremos

por alívio, mas é muito mais importante que aprendamos as lições da obediência e da confiança. Não oramos para mudar a mente de Deus, mas para que a nossa seja mudada, e a fim de nos podermos ver como realmente somos. Através da oração, somos colocados em contacto directo com Aquele que fez todas as coisas e cuida dos Seus filhos.

«A oração é a respiração da alma». Ela ensina-nos a amar a Deus e a compreender o nosso próximo. A oração é o infalível elo de ligação entre a Terra e o Céu. É a maior experiência que qualquer um de nós pode ter. A oração é o único meio pelo qual a nossa vida pode ser colocada em harmonia com Deus.

Para aqueles dentre vós que estejam em dor e sofrimento, tende bom ânimo. A cura é muitas vezes um processo lento. Sede pacientes. O descontentamento e o desânimo fazem apenas com que o processo de cura seja ainda mais lento. Entregai-vos. Pedi a Deus que vos dê força para suportar e vencer a batalha contra a doença. Aprender pacientemente a suportar estas coisas é o meio de desenvolver uma personalidade rica e nobre.

Muitas pessoas pensam que as pérolas são as mais belas de todas as pedras preciosas. Cada pérola nasce, porém, no meio de tragédia e dor. As pérolas são feitas por ostras doentes. Algum parasita ou verme microscópico conseguiu passar para dentro da concha protectora. A ostra é incapaz de remover o parasita, mas as suas células exsudam uma preciosa substância que vai a pouco e pouco cobrindo completamente o parasita. Na escuridão, entre dores e sofrimento prolongado, nasce uma pérola que poderá um dia brilhar à luz do sol como a mais adorável das gemas naturais.

Assim se passa com os filhos de Deus que estão em dor e sofrimento. Os mais preciosos caracteres humanos são frequentemente formados no meio de sofrimento e de incompreensão. É bastante fácil sentirmo-nos desanimados quando caímos sob os ataques de uma doença grave. O futuro poderá parecer sem esperança. Mas, mesmo a maior das calamidades pode ser transformada numa vantagem. O parasita que intenta destruir-nos pode ser mudado numa pérola do mais fino carácter. Com a bênção do Céu, podemos levantar-nos da cama fortalecidos e enriquecidos pela experiência. O que quer que seja a aflição, nada temos a temer. Devemos compreender que o melhor caminho já foi escolhido para nós e que, muito embora venhamos a estar diminuídos fisicamente, podemos viver uma vida que valha verdadeiramente a pena viver.

O título do capítulo 3 será: «A Maravilhosa Corrente da Vida».

notícias do campo

BAPTISMOS NA IGREJA DE FARO

Aqui dos irmãos da igreja de Faro, o nosso fraterno abraço aos prezados leitores da Revista Adventista.

Diz a Palavra de Deus que Jesus é o mesmo hoje, ontem e eternamente. Nós, obreiros na causa de Deus, podemos muitas vezes sentir esta grande verdade no nosso ministério. Porque o mesmo Deus que operou poderosamente junto ao Mar Vermelho libertando Israel duma destruição certa, que o alimentou miraculosamente no deserto com o precioso maná, que o introduziu na terra da promessa operando em seu favor tantas e tantas maravilhas, é ainda o mesmo Deus que está operando no coração dos homens neste mundo tão conturbado em que vivemos. Por isso almas sinceras se vão rendendo a Jesus.

Para nós, obreiros na seara do Mestre, cada alma que se rende a Jesus é sempre uma evidência do divino amor e um milagre operado em favor da alma que O aceita.

Se a conversão de uma alma é em qualquer parte do mundo considerada um milagre, que dizer quando aqui no

Um grupo de novos crentes batizados na Igreja de Faro



Algarve — terra da indiferença — uma alma se converte?

Jesus provou, no dia 19 de Junho, que é o mesmo hoje que foi ontem, e que ainda pode transformar os corações. Assim, com a nossa sala repleta, assistimos comodamente à realização de oito batismos como consequência do poderoso efeito do amor de Jesus nos corações.

O trabalho aqui, como aliás em qualquer parte do mundo, não é coisa fácil, por isso rogo aos irmãos e leitores desta Revista que orem por nós ao Senhor, a fim de que o trabalho possa ir avante com êxito, para honra e glória de Jesus.

Vosso no Mestre,

Joaquim Casaquinha

UM ANO DE ACTIVIDADES DOS DESBRAVADORES EM OLIVEIRA DO DOURO

Temos que dar muitas graças a Deus, porque Ele esteve connosco durante este ano de actividades.

Sem dúvida que para todos nós, e em especial para a igreja de Oliveira do Douro, o Clube de Desbravadores foi um facto bastante notável.

É certo que podíamos fazer muita coisa, mas, como diz o ditado, «Roma não se fez num dia».

As actividades 75/76 tiveram início em Outubro/75 e foram até Agosto/76 (10 meses); se considerarmos três horas por domingo e 4 semanas por

mês, concluiremos o total de 12 horas, o que corresponde a 6 dias de trabalho de 24 horas sem paragem.

Tivemos, durante o ano, 3 batismos, o que foi um bom incentivo para os outros Desbravadores. Que o Senhor Nosso Deus os possa abençoar grandemente.

Colaborámos na Campanha das Missões, Missão 76, além do incentivo que demos aos Clubes do Porto, Avintes e ao de Canelas.

Fomos convidados a assistir à pro-messa do Clube do Porto.

Participámos no encontro do Norte da JAP e no Congresso Nacional em Setembro passado.

Fizemos a investidura de 1 Pioneiro e 11 Amigos.

Fizemos 20 distinções profissionais nas especialidades assim distribuídas:

Primeiros Socorros	1
Música	1
Mineralogia	2
Flores	2



Curso para dirigentes M. V. na Igreja de Oliveira do Douro

Plantas Medicinais	3
Animais Domésticos	4
Borboletas	7

Tivemos a nossa Feira do Desbravador, no primeiro domingo de Agosto, onde alguns irmãos e jovens tiveram oportunidade de colaborar connosco, comprando os nossos trabalhos manuais.

Houve um único acampamento de trabalho.

«Precisamente nessa altura, em vés-

peras de iniciarmos novas actividades, levámos a efeito um curso para dirigentes M. V., do qual enviamos uma fotografia para publicação.

Este curso, que durou uma semana, teve a colaboração do Pastor A. Maurício.

No curso, além dos problemas de organização, foram encarados os programas que devem ser levados a efeito durante o próximo ano de actividades.

Victor Alves



Os três monitores e os componentes do curso de culinária no Algueirão

A IGREJA DE ALGUEIRÃO LEVA A EFEITO CURSOS DE CULINÁRIA E CONFERÊNCIAS SOBRE TEMPERANÇA

A igreja do Algueirão, através do seu departamento de Temperança, levou a efeito, em Vale de Lobos, no hotel do mesmo nome, uma série de três conferências sobre saúde, com uma assistência de cerca de 50 pessoas.

Os resultados foram extraordinariamente animadores, pois várias pessoas deixaram de fumar e de beber e desejaram que se lhes ministrasse um curso de culinária ovolactovegetariana.

Neste curso, assistiram regularmente às lições teóricas e práticas cerca de 25 senhoras, bastante animadas.

Eis alguns testemunhos escritos que nos deixaram:

«Achei as conferências estupendas e só tenho pena de que não permanecessem mais tempo connosco.»

«Interessante, necessário e imprescindível este programa.»

«Apreciéi bastante as conferências; continuem com o programa.»

«Eu devo explicar os efeitos nocivos

do tabaco e, renunciando a este vício, impedir que alguém me imite, tomando-me por modelo.»

Certo cavalheiro que havia declarado já não estar em idade de deixar de fumar, mais tarde, num rebate de consciência, abandonou o fumo e reduziu para o mínimo o uso do álcool.

Culminou com a distribuição de 12 diplomas o primeiro curso de culinária ovolactovegetariana levado a efeito pela igreja do Algueirão. As provas finais foram uma esplêndida mesa com vários pratos agradáveis à vista, apetitosos ao paladar e confeccionados segundo os princípios da reforma pró-saúde.

Estiveram presentes os oficiais do departamento local da temperança, os monitores, um grupo coral que actuou sob a eficiente direcção da sua directora, outros oficiais da igreja, além da mui simpática presença do Pastor Alberto Nunes, sua esposa e filhos.

O trabalho, que teve início com uma série de três conferências sob o tema «Liberta-te... e sê feliz», culmina agora com trabalho espiritual entre adultos e crianças.

No Hotel Miramonte, em Colares, levou igualmente a efeito o departamento da temperança desta igreja uma série de três conferências sob aquele tema, acompanhadas de evangelismo infantil, dirigido pela esposa do director do departamento local da temperança.

Entre vários testemunhos, é de notar o seguinte, resultado de um diálogo que pôde ser ouvido por pessoa amiga:

— Que religião é esta?

— A religião não interessa. O que interessa é que foram os únicos que, até à data, trouxeram alguma coisa de válido até nós.

Que sábia resposta: «Pelos seus frutos os conhecereis».

Em salas separadas, estiveram sempre presentes 37 adultos e cerca de 30 crianças, as quais, na terceira noite, apresentaram um pequeno programa, que muito sensibilizou os circunstantes.

A assistência foi unânime em aceitar a nossa posterior presença para estudo das Verdades Bíblicas.

A equipa de Evangelismo pela Temperança tem sido composta de um conferencista, agentes de relações públicas, técnico projeccionista, um grupo coral, monitores de culinária, monitora de evangelismo infantil, técnicos em trabalhos de duplicação de impressos e um projectista de cartazes.

Departamento de Temperança da Igreja do Algueirão



A mesa representada pelas senhoras que frequentaram o curso

NOTÍCIAS DAS ACTIVIDADES DO DEPARTAMENTO DOS M.V.

ACAMPAMENTO DE TIÇÕES NA COSTA DE LAVOS

Realizou-se de 23 de Julho a 3 de Agosto o acampamento dos mais pequenos das nossas sociedades. Cerca de 60 tições se reuniram, pois, no campo de férias da Costa de Lavos.

A responsabilidade do programa esteve a cargo dos irmãos Maria Rosa Nunes e Pastor Alberto Nunes, da Igreja de Cascais, coadjuvados por um grupo de monitores vindos de várias igrejas. A administração esteve a cargo Pastor Fernando Mendes, da Igreja de Lisboa.

O programa, apropriado à idade dos jovens, compreendeu, além das actividades físicas — banho, jogos, etc. —, actividades práticas, trabalhos manuais e actividades espirituais que devemos fazer sobressair sobre qualquer das outras.

Foram agradáveis e proveitosos os dias que os nossos juvenzinhos passaram no acampamento e estamos certos de que boas recordações tenham dele levado.

J. Morgado

veram sempre lendo uma parte do Novo Testamento, que foi terminado cerca das 9 horas da manhã.

No culto de sábado, dirigido pelo Pastor H. Visani, realizou-se o bap-

tismo do jovem Fernando Alcobia, e isso contribuiu para que um bom número de jovens respondessem ao apelo feito.

J. Morgado



ACAMPAMENTO DOS DESBRAVADORES

Dentro do programa previsto, realizou-se, de 9 a 19 de Agosto, o acampamento da classe de Desbravadores. 85 jovens, vindos da maior parte das igrejas, reuniram-se para confraternizar, estudar a Bíblia, aproveitar uns dias de praia.

O programa espiritual esteve a cargo do Pastor A. Maurício, da Igreja de Oliveira do Douro; a administração, a cargo do Pastor J. Casaquinha, da Igreja de Faro. A responsabilidade do programa de actividades esteve a cargo do Ir. A. Steele. Logo no segundo dia, chegou o Pastor H. Visani, secretário M.V. da nossa União, que foi um extraordinário animador de todo o programa.

Tivemos a colaboração dum grupo de jovens auxiliares de várias igrejas.

Num dos dias de actividades, os jovens, divididos em grupos, confeccionaram o almoço, distribuídos pelo vasto terreno do acampamento. Puseram em prática, assim, as lições que haviam recebido na respectiva especialidade.

O sábado foi um dia especial, pois foi realizada uma vigília. Desde sábado ao pôr-do-Sol e por 10 horas aproximadamente, grupos de jovens esti-

CONGRESSO DA JUVENTUDE ADVENTISTA PORTUGUESA

Lema: AQUI E AGORA

Local: Oliveira do Douro

Data: 23 a 25 de Setembro de 1976

As actividades da juventude do ano 1975/76 terminaram com o Congresso da Juventude que teve lugar em Oliveira do Douro. O motivo da realização no norte deve-se a que raramente actividades desta envergadura têm lugar fora de Lisboa.

Assim, de comboio, autocarro, carros particulares e mesmo motorizadas, jovens de todas as igrejas da nossa Associação dirigiram-se a Oliveira do Douro, a fim de confraternizar e receber alimento espiritual, a fim de permitir um revigoramento nas suas vidas.

Mais de duzentos jovens ficaram instalados no Colégio de Oliveira do Douro. Ali foram montadas várias camaratas e um refeitório.

Vieram dar a sua boa colaboração a este congresso os pastores Nino Bulziz, da Divisão Euro-Africana, Hugo Visani, da União Sul-Europeia, e Joaquim Morgado, da Associação Portuguesa. Pastores de várias igrejas honraram-nos, também, com a sua presença.

A reunião inaugural teve lugar na quinta-feira, à noite, na igreja de Oliveira do Douro. A vasta sala foi pequena para alojar somente os jo-

vens, deixando de fora os irmãos mais velhos. Depois de desfilerem as representações de cada uma das igrejas, o pastor tomou a palavra para exortar os nossos jovens a uma vida de fidelidade aos princípios. Sexta-feira foi um dia totalmente cheio.

O lema do congresso — AQUI E AGORA — chamava os nossos jovens a uma decisão rápida, urgente, a favor de Jesus.

Depois duma meditação pelo Dr. Samuel Grave, director do nosso colégio, e de se organizarem grupos de oração, o Pastor Visani chamou a atenção sobre «como deve viver a juventude que aguarda o advento». Temos uma mensagem que é necessário exemplificar nas nossas vidas.

Seguidamente teve lugar a final do concurso bíblico para desbravadores e que vinha sendo realizado, primeiro localmente, nas igrejas e, depois, a nível regional. Estiveram presentes cinco jovens apurados entre os das regiões norte e sul.

Dirigiu esta fase final do concurso o Pastor J. M. Matos. A classificação final ficou assim estabelecida: 1.º Alice Rodrigues, Igreja de Oliveira do Douro; 2.º Sílvia Oliveira, Igreja de Espinho; 3.º Fernando Carneiro, Igreja de Lisboa — General Roçadas.

J. Morgado

VISITAS AOS HOSPITAIS

Grande entusiasmo reinava entre os jovens por esta saída missionária. Mais de 300 jovens dirigiram-se, em autocarros, para os hospitais do Porto, levando consigo mais de 1200 flores, cerca de 2000 Evangelhos e 2000 folhetos. Divididos em grupos, tiveram interessantes experiências com os doentes a quem entregavam um cartão com a inscrição «Uma flor com amor — da Juventude Adventista Portuguesa», uma flor e folhetos. Organizou esta saída o Pastor A. Echevarria, colaborando nela os outros obreiros presentes.

No começo do sábado, encontrava-se a sala da igreja de Oliveira do Douro completamente cheia. Durante cerca de meia hora se cantaram hinos numa separata especialmente preparada para o efeito. Dirigiu todo o programa musical o Pastor Walter Miguel.

O Pastor Visani apresentou à noite a mensagem «Que deve fazer a juventude que aguarda o advento?» — um apelo para que a juventude adventista, que foi de manhã convidada a viver — devia agora tomar o compromisso de ir, pregar o Evangelho.

O SÁBADO DO CONGRESSO

Sábado foi o grande dia. «Tão grande» que as nossas actividades tiveram que ter lugar no pavilhão do Banco Pinto de Magalhães, gentilmente cedido. Cerca de 2000 jovens e adultos encheram a parte central do vasto pavilhão. No centro do campo foi improvisada uma tribuna.

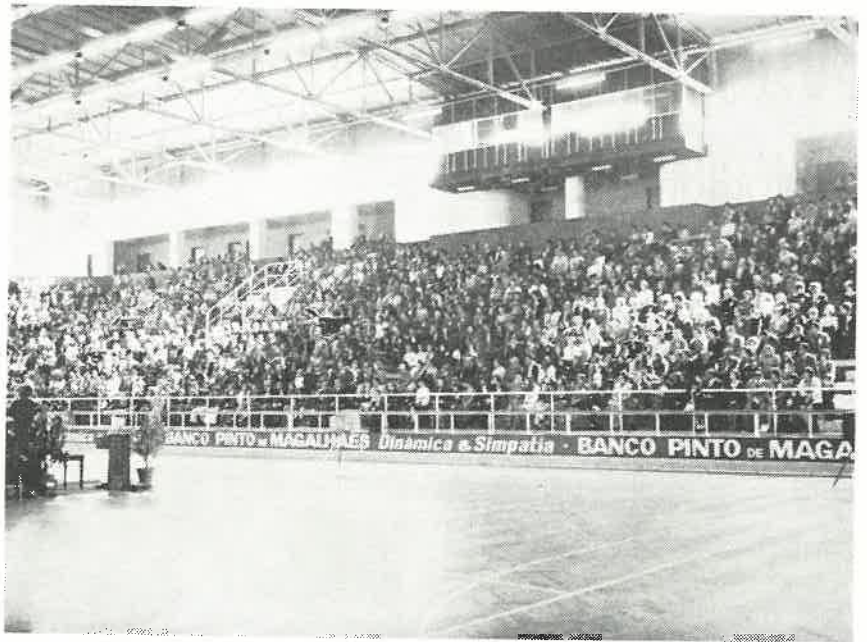
A Escola Sabatina foi dirigida pelo jovem Fernando Ferreira, de Canelas, e tomaram parte jovens de várias igrejas. No culto solene, o Pastor N. Bulzís, tomando por tema o lema do congresso, exortou os jovens a uma reconsecração. Agora é o tempo favorável. Algumas dezenas de jovens responderam ao apelo feito.

De tarde, no mesmo local, realizou-se uma mesa-redonda em que os dois dirigentes, rodeados por um grupo de jovens, responderam a perguntas sobre a responsabilidade política, desportos, etc. À noite, um festival de música, cânticos e poesias, teve lugar com a colaboração de todas as igrejas presentes.

Domingo de manhã foi ocupado por algumas actividades físicas, em que jovens de várias igrejas se imanaram em espírito não de competição, mas sim, de recreação.

Entretanto realizou-se numa das salas da igreja de Oliveira do Douro uma exposição com os trabalhos que concorreram aos jogos florais da J.A.P. Ali estiveram expostos cartazes sobre temperança e vários trabalhos executados por rapazes e meninas.

No começo da tarde realizou-se a reunião de encerramento, em que foram distribuídos os prémios dos jogos florais, concurso bíblico, etc. Foram premiados: fotografia — José Manuel Ferreira, da igreja de Odivelas; dia-



Um aspecto da assistência ao Congresso no pavilhão Pinto de Magalhães

positivos — José Palma, da igreja da Amadora; cartazes sobre temperança — 1.º lugar, José Carlos Cidra Moura, igreja do Porto; 2.º lugar, Joaquim Furtado, da igreja de Lisboa; 3.º Jean Jacques Baião, da igreja de Lisboa — Central; trabalhos manuais — 1.º prémio, jovens da igreja de General Roçadas; 2.º prémio, Maria Clara Ribeiro, da igreja de Odivelas; 3.º prémio, Diva Maria Velosa, da igreja de General Roçadas.

Menções honrosas: poesia — Victor Manuel Coelho, Algueirão; conto — Ana Maria Echevarria, Vila do Conde; cartazes — José Carlos Cidra Moura, Porto, e Óscar Manuel da Silva Ribeiro, Matosinhos.

Que Deus permita que a Juventude Adventista Portuguesa possa fazer fielmente a sua parte na terminação desta obra.

J. Morgado

CONGRESSO DA JUVENTUDE ADVENTISTA DA MADEIRA

Realizou-se de 17 a 19 de Setembro o primeiro Congresso Regional da Ilha da Madeira. Nele colaboraram os pastores N. Bulzís, H. Visani e J. Morgado, respectivamente da Divisão, União e Associação.

O congresso fez ressurgir o entusiasmo da nossa juventude daquela ilha que, normalmente, não tem contacto com as outras igrejas. O Pastor Tito Falcão, sua Esposa e demais jovens foram incansáveis para que tudo estivesse pronto no dia aprazado. A sala apresentava um belo aspecto quando na noite do dia 17 se realizou a reunião inaugural.

Estiveram, também, na Madeira, quatro jovens de duas igrejas do continente.

O Pastor Bulzís teve a palavra na mensagem inicial e também no sábado de manhã. A sala estava completamente cheia. O programa da Escola Sabatina foi realizado somente por jovens. «Aqui e Agora» foi o assunto apresentado na mensagem da manhã de sábado.

Sábado à tarde realizou-se uma visita a um asilo de pessoas idosas e

hospital de crianças e jovens. Ali os nossos jovens cantaram e distribuíram flores e folhetos. Quantas graças os nossos jovens têm que dar a Deus pela saúde de que desfrutam e pelo conhecimento que têm da Sua palavra. A sessão cultural teve lugar logo após, com a colaboração do belo coro da igreja e de muitos jovens.

Domingo, às seis da manhã, todos se encontravam já na igreja, onde o Pastor Visani tomou a palavra antes de iniciarmos um dia de actividades ao ar livre. Em dois autocarros e vários automóveis, cerca de 150 jovens e adultos iniciaram um passeio que nos levou aos lugares mais belos da ilha — Ribeira Brava, onde se fez um alto para uns jogos, e Porto Moniz, onde passámos belos momentos na piscina.

Depois do almoço, ainda os pastores Bulzís e Visani tiveram alguns momentos de diálogo com os nossos jovens.

Um hino especialmente composto para o congresso falava da certeza da breve vinda de Jesus.

J. Morgado

Hino Oficial do Congresso da Juventude Madeirense

Música: Wayne Hooper
Letra: Paulo Tito Falcão

Eis, mocidade,
desta linda Ilha,
o nosso encontro fraternal,
feito sorrisos, paz, recordações.
Há emoção nos corações.
Tenho um lema—vou vibrar
e depois testemunhar
que o meu Mestre vai chegar.
Oh, Madeira:
Ele é Rei!
Eis, mocidade, a minha decisão:
«AQUI E AGORA» viverei!!!

CURSO DE DIRIGENTES M.V.

Depois do congresso realizado na Ilha da Madeira, realizou-se, na Igreja de Oliveira do Douro, durante o mês de Setembro, um curso para Dirigentes, que teve a colaboração dos pastores N. Bulzis, director M.V. da Divisão Euro-Africana, e H. Visani, director M.V. da nossa União.

Cerca de 25 jovens dirigentes de várias igrejas ficaram instalados no



Uma reunião espiritual com os Desbravadores

nosso colégio de Oliveira do Douro. O programa incluiu:

O que é um líder, organização M.V., recreação, evangelismo juvenil, técnicas M.V., o Espírito de Profecia e o jovem, o jovem frente à película e psicologia aplicada à juventude.

Por cada assunto apresentado havia sempre a possibilidade de apresentar perguntas, ideias, etc. Igualmente a troca de experiências foi muito proveitosa. Vários grupos foram igualmente formados para programar as actividades do próximo ano.

J. Morgado

CONSELHO ANUAL DA DIVISÃO EURO-AFRICANA

Na foto:

O grupo dos delegados e pessoas convidadas a assistir a este conselho em Innsbruck



De 12 a 18 de Novembro, decorreu na Austria, Innsbruck, o Conselho Anual da Divisão Euro-Africana. Tivemos a presença de dois representantes da Conferência Geral: os irmãos G. R. Thompson, vice-presidente, e B. E. Seton, secretário-associado. Além do presidente da Divisão E. Ludescher, do secretário J. Zurcher e do tesoureiro E. Amelung, encontravam-se

presentes todos os departamentais desta Divisão e seus associados. Quase todos os presidentes de União ali se deslocaram, bem assim como numerosos convidados, como representantes de campos europeus e africanos.

Os trabalhos decorreram dentro do melhor espírito e, para além de todos os problemas financeiros e de regulamentos, deu-se uma ên-

fase muito particular à grande necessidade que há de uma maior agressividade na evangelização.

Bons relatórios foram apresentados, o que demonstra a presença de Deus com o Seu povo. Estamos certos de que, com o espírito de união e desejo forte que ali pairou de levar avante esta obra, em breve Jesus voltará.

A. Baião

Nova Fábrica de Alimentos na Alemanha

Foi oficialmente inaugurado, em 22 de Setembro, o novo edifício de ampliação da fábrica adventista de produtos alimentares saudáveis em Luneburgo, perto de Hamburgo, na Alemanha Ocidental. Estiveram presentes, representando a nossa Divisão, os irmãos E. Ludescher, E. Amelung, O. Bremer e J. Zurcher. Assistiram igualmente o presidente do Município da cidade e outras personalidades ligadas ao fabrico de produtos dietéticos na Alemanha.

Actividade da Colportagem

Apesar de não haver relatórios nem de Angola nem de Moçambique, os quais normalmente acrescentariam 1 800 000\$00 às vendas de colportagem, o valor das entregas feitas pelos colportores da nossa Divisão durante os primeiros nove meses deste ano atingiram já uma soma equivalente a 127 500 contos em moeda portuguesa, o que representa um aumento de um por cento em relação ao ano passado.

Os colportores da Áustria, formando com as suas famílias um grupo de setenta pessoas, reuniram-se em convenção espiritual num local sobre a fronteira com a Jugoslávia. O tema da convenção foi «Eu e a minha casa serviremos ao Senhor». Dirigiram as reuniões Edouard Naenny, director do departamento de Publicações da Divisão e Otto Uebersax, presidente da Associação da Austria.

Concílio de Educadores na Suíça

Realizou-se um proveitoso concílio de educadores em Oertlimatt, na Suíça, em Novembro, com a presença de representantes de mais seis países. Tiveram ocasião de partilhar os seus problemas comuns quinze dirigentes a nível de Associação, União e Divisão.

do mundo adventista

Convenção Internacional de Médicos Adventistas

Realizou-se de 12 a 19 de Setembro, na Áustria, a terceira Convenção Médica Internacional para médicos e dentistas adventistas. O assunto estudado foi «A Prevenção», a qual foi considerada em mais de vinte especialidades diferentes. Dado que o Dr. Erwin Crawford, que devia ter estado presente para dirigir a convenção, infelizmente faleceu antes de a mesma começar, o Departamento da Saúde da Conferência Geral esteve representado por Eldon Carman e Wayne Mc Farland. O Dr. J. Klooster representou a Universidade de Loma Linda, e os Drs. H. Stöger e J. R. Zurcher representaram a Divisão Euro-Africana.

Novo Ano Escolar nos Seminários Europeus

O Seminário Teológico Alemão de Darmstadt abriu o novo ano lectivo com 60 alunos inscritos nos cursos ministeriais e 410 na escola secundária e avançada.

O Seminário Francês de Collonges inscreveu 125 estudantes nos cursos ministeriais, 120 na escola secundária, 44 em Francês para alunos estrangeiros, 24 em Comércio e 10 em cursos de treino para professores. Tem ainda 85 alunos da escola primária.

O Seminário e escola secundária de Marusevec, Jugoslávia, regista uma frequência de 230 estudantes no corrente ano lectivo.

Evangelização nos Países de Língua Alemã

Depois duma bem sucedida campanha em Salisburgo, na Áustria, onde se baptizaram 24 candidatos, o Pastor Roland Lehnhoff começou um segundo esforço evangelístico no Sul da Alemanha, na grande cidade de Nuremberga. O salão de 600 lugares encheu-se na primeiro reunião, ficando 85 pessoas de pé. Uma segunda sessão nesse mesmo dia atraiu mais de 200 pessoas.